



## Raio X do bullying

# 1 em 4 alunos relata sofrer 'esculacho' ou humilhação na escola

— Por segurança, muitos faltam às aulas; pesquisa feita com apoio da Universidade Stanford ouviu turmas das redes públicas e privadas no Brasil

RENATA CAFARDO

Pesquisa realizada este ano com estudantes do ensino básico, de escolas públicas e particulares do País, mostra que 24% deles dizem que foram vítimas de intimidação, esculacho ou humilhação por colegas nos últimos 12 meses. E ainda 1 em cada 4 estudantes deixou de ir à aula pelo menos um dia por não se sentir seguro. Meninas e alunos pretos, pardos e amarelos têm os índices mais altos, em ambos os casos.

O resultado faz parte de um projeto que tem coletado informações a cada 45 dias nas escolas brasileiras sobre temas que vão de alfabetização à violência, com o apoio da Universidade Stanford, na Califórnia, o Equidade.info. Os dados sobre as agressões nas escolas foram captados por meio de entrevistas com estudantes do ensino fundamental e médio, entre dezembro de 2023 e março de 2024, em parceria com a Fundação Lemann.

## Tipificação Bullying e cyberbullying se tornaram crimes conforme uma lei aprovada em janeiro

Essas violências podem ser classificadas como bullying, segundo pesquisadores, quando apresentam cinco características principais: são atos repetidos contra um ou mais constantes alvos (3 vezes por semana ou mais); ocorrem entre pares (quando é professor-aluno é assédio moral); há intenção do(s) autor(es) em ferir; há um alvo fácil, mais frágil; há um público que prestigia as agressões (os ataques de bullying são escondi-

dos dos adultos, mas nunca dos pares).

O bullying e o cyberbullying se tornaram crimes por uma lei aprovada em janeiro deste ano. Para especialistas, apesar de representar um avanço por deixar explícita a gravidade da violência, há dificuldades para se colocar em prática do ponto de vista jurídico. E ainda, na opinião de educadores, a prevenção efetiva do bullying só ocorre quando a convivência e a cultura de paz entram nos currículos das escolas públicas e particulares (*Mais informações na página ao lado*).

**MOTIVOS.** “O que alimenta o bullying é a necessidade de o autor ser bem-visto aos olhos dos colegas na escola. E o que faz ele ser tão sofrido e cruel é a vítima ser diminuída em um grupo social ao qual ela quer pertencer”, afirma a professora da Universidade Estadual Paulista (Unesp) Luciene Tognetta. Ela coordena o Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Moral (Gepem), que reúne pesquisadores de universidades públicas que estudam bullying, convivência e violência escolar.

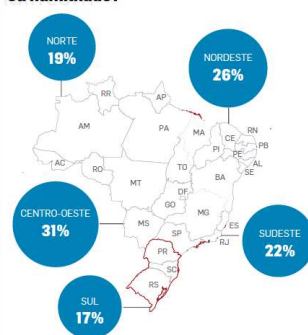
Segundo ela, as políticas públicas e as escolas precisam estabelecer planos de convivência integrados aos currículos, ou seja, sendo parte da experiência no dia a dia das crianças e dos adolescentes. “Isso está ligado a como o professor organiza as regras, como resolve conflitos quando duas crianças brigam. Se ele castiga, manda calar a boca, isso não ajudará a prevenir o bullying.”

Para o professor da Faculdade de Educação de Stanford Guilherme Lichand, que coordena a pesquisa, os dados coletados mostram “desafios significativos relacionados à sensação de pertencimento e segu-

## CONVIVÊNCIA NA ESCOLA

Pesquisa ouviu estudantes do País de escolas públicas e particulares entre dezembro de 2023 e março de 2024

Nos últimos 12 meses fui esculachado, zoadado, intimidado, caçoado pelos colegas a ponto de me sentir ofendido ou humilhado?



MÉDIA GERAL DO PAÍS:

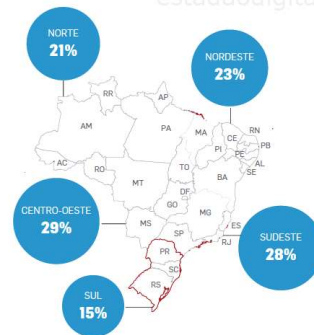
24% DOS ALUNOS RESPONDERAM SIM

26,2% DOS ALUNOS NÃO-BRANCOS\* 22,8% DOS BRANCOS

26% DAS MENINAS E 22% DOS MENINOS

\*PRETOS, PARDOS OU AMARELOS

Nos últimos 12 meses eu fiquei em casa pelo menos um dia porque não me sentia seguro na escola?



MÉDIA GERAL DO PAÍS:

24% DOS ALUNOS RESPONDERAM SIM

25,7% DOS ALUNOS NÃO-BRANCOS\* 18,1% DOS BRANCOS

26% DAS MENINAS E 22% DOS MENINOS

FONTES: EQUIDADE.INFO/UNIVERSIDADE DE STANFORD/INFORMAÇÃO: ESTADÃO

## Saiba mais

### E se, em vez de vítima, o filho for autor da agressão?

Para a vítima, o bullying pode causar diversas consequências físicas e psicológicas, como baixa autoestima, ansiedade, depressão e pensamentos suicidas, de acordo com a psicóloga Rita Calegari, do Hospital Nove de Julho, de São Paulo. Para a especialista, contudo, também é preciso olhar para o agressor – 12% dos estudantes, segundo o IBGE. Mas o que fazer ao descobrir que o filho é quem pratica o bullying?

### ● Avalie o contexto familiar

Ao descobrir que o filho está tendo condutas violentas, é importante que os pais reflitam sobre o ambiente em que a criança ou o adolescente está inserido. Segundo a especialista, possíveis gatilhos não se restringem a violências físicas,

mas podem ser também emocionais. “Ao estimular muito a competitividade da criança, por exemplo, os pais podem acabar potencializando condutas violentas”, afirma Rita.

### ● Estimule a empatia

É importante investir em uma educação solidária, que valorize o coletivo e não só o individual. “Isso pode ser feito com condutas simples, como pedir para ele cuidar das plantas ou dos animais de estimação.”

### ● Não reaja com violência

Agredir ou castigar tende a piorar ainda mais a situação, alerta a psicóloga. “Uma reação agressiva só vai aumentar o repertório de violências que o jovem vai reproduzir fora de casa”, diz. Nesse sentido, a atitude aconselhada é buscar o diálogo, ou seja, conversar com o jovem para tentar entender o que está acontecendo e ouvir o seu lado. Caso seja constatado que ele realmente está sendo violento com o colega, é aconselhado expor a sua reprovação, segundo Rita.

selhado expor a sua reprovação, segundo Rita.

### ● Não negue a realidade

De acordo com Benjamin Horta, criador do Programa Escola Sem Bullying, muitos pais preferem fechar os olhos em relação ao fato de que seu filho é violento e acabam usando desculpas para justificar o comportamento. “Dessa forma, a violência continuará acontecendo. Para impedi-la, o primeiro passo deve ser aceitar que ela existe, para, em conjunto com a escola (quando o bullying acontecer lá), traçar estratégias para melhorar a situação”, descreve. Para o pediatra Abelardo Bastos Pinto Jr., presidente do Departamento Científico de Saúde Escolar da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), a escola tem o papel de tentar auxiliar tanto a vítima quanto o praticante do bullying, seja por meio de conversas, seja por meio do encaminhamento para um psicoterapeuta.

rança dos alunos na escola”. Uma das vantagens do estudo é medir e divulgar rapidamente a situação nas escolas para que os gestores possam atuar. Um novo resultado sobre violência deve ser divulgado no segundo semestre.

A pesquisa do Equidade.info

mostra ainda que as Regiões Centro-Oeste e Nordeste têm os maiores índices de estudantes que relataram sofrer esculachos ou humilhações de colegas, 31% e 26% respectivamente. O estudo não questionou os alunos sobre todos os aspectos das violências para que se

possa identificar que se tratavam efetivamente de bullying ou se foram conflitos – como, por exemplo, quando ocorre uma briga ou quando há agressões dos dois lados.

**RAÇA.** Os resultados indicam também a diferença por ra- ②